

TRIBUNA Livre

24
DEZEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

Conto de Natal

O coveiro de maus figados que foi raptado pelos gnomos na

Noite de Natal

Numa antiga e pequena cidade de província onde existia uma Abadia, vivia um sacristão chamado Gabriel Grub que acumulava o seu ofício com o de coveiro e que era um homem de feitio bilioso e mal humorado.

Uma vez, ao anoitecer e, véspera de Natal, o tal coveiro pôs a pá ao ombro e dirigiu-se para a antiga cerca da Abadia onde ia a enterrar a boa gente da cidade, pois tinha que aprontar um coval para o dia seguinte. Pelo caminho, ouvia de vez em quando, risadas alegres e falas animadas mas a alegria dos outros exasperava o seu temperamento irascível.

Um garotito passou perto dele todo contente trauteando uma canção alegre de Natal.

O coveiro não se conteve e deu-lhe com a lanterna na cabeça e o rapazito fugiu emitindo sons bem diferentes da sua alegre cantiga. Gabriel Grub soltou um risinho irónico.

Ao chegar ao coval trabalhou uma hora um pouco mais satisfeito e quando acabou sentou-se numa pedra

dum túmulo e sacando a sua garrafinha de genebra bebeu uma golada todo contente. «Um caixão no Natal, linda caixinha de Natal. Hó! hó! hó! «Hó! hó! hó!» repetiu uma

Continua na 5.ª página

Correio do Minho

Acabam de assumir as funções, respectivamente, de director e editor do «Correio do Minho» os srs. drs. Teófilo Esquivel e António Pestana, o primeiro presidente da Comissão Distrital da U. N. e o segundo presidente da Comissão de Propaganda e Doutrinação do mesmo organismo.

Anteriormente eram essas funções exercidas pelos srs. António M. Santos da Cunha e Manuel Araújo que as desempenharam com dedicação e a contento geral.

Aos novos dirigentes do prestigioso órgão da nossa política augura a «Tribuna Livre» os melhores êxitos e promete como sempre a sua solidariedade.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

No Clube Fenianos Portugueses realizou o Rev. Frei Gil Alferes, uma conferência a convite desta Instituição intitulada: «O PODER DOS HUMILDES.»

Presidiu o grande amigo da Liga de Profilaxia, Doutor Adriano Rodrigues, Professor Jubilado da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Da mesa fizeram parte os Srs. Alferes Armando Marques Vieira, representante do Snr. Comandante da Polícia de Segurança Pública do Porto; Eng.º Orlando Valdez Tomás dos Santos, Professor do Centro de Estudos Humanísticos; Joaquim Pereira da Silva, Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Matosinhos-

-Leça; João Silva, representante do Clube Fenianos Portugueses e Dr. António Emílio de Magalhães, Director da Liga de Profilaxia. Este, em nome da Instituição, lembrou a intensa colaboração que os intelectuais de quase todas as nossas Províncias Ultramarinas têm trazido à Liga de Profilaxia e a esse propósito criticou severamente as malévolas acusações feitas a Portugal na Assembleia das Nações Unidas.

Seguidamente, como é da praxe no começo de cada novo ciclo cultural, referiu-se às iniciativas e principais acontecimentos do passado ano, merecendo-lhe largas considerações as conferências proferidas

(Continuação da 4.ª página)

Decorreu com particular brilhantismo a visita ao nosso Concelho do sr. Ministro do Interior

Na sequência da visita que vinha a fazer a diversos Concelhos do Distrito esteve entre nós na passada segunda feira o sr. Ministro do Interior, coronel Arnaldo Schulz que se fazia acompanhar do sr. Governador Civil, Conselheiro António de Azevedo Abranches e do seu secretário Juiz de Direito Gonçalves Pereira.

No limite do concelho os ilustres visitantes eram aguardados por todas as autoridades concelhias e grande numero de pessoas for-

mando-se em seguida um longo cortejo automóvel. Ao passar em Carrzedo o sr. Ministro do Interior visitou o túmulo de Sá de Miranda o qual se encontra em mau estado, ameaçando ruína.

Depois dirigiu-se para a Vila Nova tendo percorrido a Rua de Sá de Miranda e a Rua Nova verificando o surto de progresso que ali se verifica com construções de ambos os lados. Numa delas encontra-se em construção o novo Quartel da G. N. R. que impressio-

nou agradavelmente o ilustre visitante pela sua grandeza e asseio merecendo-lhe palavras de elogio. Entrando no Quartel da Associação dos Bombeiros verificou a obra grandiosa que ali está em vias de acabamento, prestando-lhe esclarecimentos o presiden-

TELEGRAMA

Pelo sr. Presidente da Câmara foi enviado um telegrama ao sr. Ministro do Interior manifestando-lhe o mais vivo agradecimento pela visita que fez ao nosso Concelho e pelo carinho com que na solução das suas mais instantes aspirações.

te da direcção sr. Paulo Macedo e o comandante do Corpo Activo tendo àquele o sr. Ministro expressado os parabéns pela obra grandiosa que vem realizando quer nas instituições quer particularmente e da qual tomou conhecimento pelas

Continuação da 4.ª página)

Continua na 4.ª página

A TELEVISÃO E OS SEUS PROGRAMAS

Para as populações das aldeias, a Televisão é, praticamente, um dos únicos, senão o único, meio de distração. É, na verdade, o cinema dos pobres... Há programas para todos os gostos e acessíveis a todas as mentalidades. Para a pequenada, é reservada a matinée dominical, que delira com as palhaçadas, concursos, etc..

Os adultos, também já sabem de cór os dias dos programas, notando-se uma maior ou menor frequência, consoante as suas preferências.

Do assunto que nos propomos falar, é da rubrica que mais nos agtada «O Teatro» e das peças que se representam.

Efectivamente, são exibidas pela Televisão, comédias e dramas, para todos os gostos; enquanto as primeiras fazem rir a bandeiras despregadas os segundos comovem até às lágrimas por representarem o dia a dia da vida, com exemplos vivos em todas, ou quase todas, as terras.

A peça recentemente representada intitulava-se «Três causas difíceis». Cada «Causa» tinha a sua história; cada história era uma lição viva que todos podíamos aproveitar.

Vamos tratar, por agora, da «primeira causa»: uma mulher, a quem Deus não quis premiar com um filho, resolveu substituí-lo por um *lálú*, bem

contra vontade do seu marido, que era um famoso advogado. O felizardo do *riquinho*, assim se chamava o bicho,

M
E
D
I
T
A
Ç
Ã
O

Mil nove-centos e sessenta anos
São passados depois daquele dia
Em que o divino Filho de Maria
Nasceu, p'ra salvação dos seres humanos!

P'ra tão longínqua noite de Natal
Voa-me neste instante o pensamento;
Só para meditar no Nascimento
D'Ele, que veio afugentar o Mal!

Às inhóspitas gentes de Belém,
Então, aflito, São José pedia
Um abrigo qualquer para Maria
Que nessa mesma noite ia ser Mãe!

Porém, naquê tempo, o Cristianismo
Era promessa apenas sobre a Terra;
Desde a cidade ás povoações da serra
Imperava, sem freio, o Egoísmo!

Por isso São José, não tendo mais
A quem pedir um tecto hospitaleiro,
Foi-se alojar num velho pardieiro
Que servia d'aprisco aos animais!

E nessa noite, a mais bela das noites,
Na mangedoura foi nascer Jesus!...
Aquê que mais tarde numa Cruz
Morreria entre infâneas e açoites!

Volvidos vinte séculos desde então
Acaso agora os homens são melhores?
E serão porventura hoje menores
Os crimes do egoísmo e da ambição?...

Natal de 1960

UERBA

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Sá de Miranda

A Egipciaca Santa Maria

(Continuação)



Quer sempre estar contraposta
a todo o gosto e prazer,
e por gosto não querer,
se de alguma cousa gosta
é ter gosto de o não ter.

Ia correndo, entanto,
da noite o curso apressado,
e da Santa o agasalhado
era grande e negro manto
de boninas semeado.

O corpo, que amanheceu
coberto de frio orvalho,
o trabalho não sofreu
que com tão pouco trabalho
rebelde lhe pareceu.

Mas a alma santa e bela
já não faz do corpo caso;
porque elle não o fez della,
dando-lhe sempre azo
pera offender a Deus e ella.

offendendo terra e céus,
a alma pera salvar-se
neste caso ordena Deus
que ella pretenda vingar-se.

Neste tempo a bela aurora
descobria os altos montes,
e aquella que d'alma chora
fazendo seus olhos fontes
ao Autor de tudo adora.

E da maneira que estava
não de nenhum leito brando,
onde estivesse deitada,
descalça vai passeando
só, fraca e de madrugada.

Vai segura e sem temor
que seu Criador a segura,
que depois que o falso amor
engeitou da criatura,
lhe quer bem seu Criador.

E está-se revendo n'ella
como n'um puro cristal,
que a seu Deus pareceu bella,
parecendo ao mundo mal.

Descalça e despida andou
desprezando a gloria falsa,
com que o mundo a enganou,
e por despida e descalça
Deus d'ella se afeiçoou.

Dos cabelos só se preza
não pela beleza deles,
que já não tinha beleza,
mas por se cobrir com elles
e lhos dar a natureza.

Se crêra que por ali
gente humana não passara,
por não os ter os cortara,
que para os cortar por si
vontade não lhe faltara.

Era pera si tão crua
que tinha grande desejo
não ver ali cousa sua
mas não o fez por ter pêjo
que as feras a vissem nua.

Quis o alto Omnipotente
mostrar maravilhas tais
que tinha uma penitente
vergonha dos animais
pois o não teve da gente.

O corpo a esta sessão
a refeição lhe pedia;
mas o espirito então
em lugar de refeição
com disciplina acudia.

Nisto afastou o cabelo
que tem posto por detrás,
prezando-se já de tê-lo,
mas era no tempo atrás
que o tinha dourado e belo.

Levanta sem embaraço
o braço ligeiro e prestes,
e logo abaixando o braço
diz ao corpo: — Isto vos faço
pelo que vós me fizestes.

e vos não se vos dar disso;
não sei por que me não calo,
que tremo só de cuidá-lo,
quanto mais de falar nisto.

Hei vergonha destes rios,
destas ervas, destes montes,
falar em meus desvarios
e de não correr em fios
sangue destas duas fontes.

Eterno Deus, que o perdão
qualquer pecado tem certo,
com perfeita confissão
não basta estar no deserto
se não está o coração.

Trazendo este falso amigo
do corpo, que tal me poz,
não sei fugir do perigo,
e se o não trouxer comigo
não padecerei por vós.

Bem sei que me dá concordia
corpo em deserto viver,
que, se viver em discordia,
a vossa misericórdia
não poderá merecer.

Deu sinais a natureza
de não poder fazer mais,
mas do espirito a fortaleza
também mostrava sinais
que não fazer mais lhe pesa.

E como estava de assento,
naquele exercício santo,
deixou o santo instrumento
que para poder com tanto
tomou entretanto alento.

Porque sabe que não erra
quem cuida em terra e pó
dando com os braços um nó,
sabendo que é pó e terra,
fala assim consigo só:

— Quem nisto se há-de tornar,
considere muito nisto,
e torne a considerar
que, se não buscar a Cristo,
sem Cristo aonde há-de ir parar?

NATAL, NATAL, NATAL!

«Noite silenciosa, noite de luz. O Senhor Deus de Amor, pobrezinho nasceu em Belém. Eis na Lapa Jesus nosso Bem. Dorme, dorme em paz; ó Jesus!»

Assim cantára Franz Grubert. Assim cantaram há dois mil anos os Anjos nas campinas de Belém.

Noite maravilhosa! Alegrai-vos, pastores, ide a Belém! Alegrai-vos ó vós que estais sobre a terra, alegrai-vos e cantai hinos, ó vós «de boa vontade.»

Eis que nasceu Jesus! «Glória in excelsis deo, et in terra pax hominibus, bonae voluntatis», eis o cântico mavioso dos anjos em reboada.

A tarde cai nas nossas Aldeias tão humildes como crentes, dum Portugal arauto da Fé. Já chegaram os criados, já chegou o filho ou filha, esses ditosos entes que, durante temporária ausência, ansiosamente aguardaram a noite que enche até os corações menos sensíveis, de um não sei quê de magia desse multi-celestial canto que parece ouvir-se ainda através dos séculos, sob o véu de nevão que paira nas chaminés.

Cai a noite. Cintilam as primeiras estrelas na abóbada celeste. A neve principia a tecer o seu alvo manto de que há-de revestir-se a Terra.

Tudo se sente feliz no con-

chêgo do Lar. Por mais pobrezinho que seja, arde o coração na Lareira, e alguns papiricos caracterizam a ceia.

Ó noite de júbilo e doçura sem par! Ó noite serena! Noite de paz e salvação, noite de esperança e de Amor!

Noite fria que aquece, que inflama os corações, da criança, que aguarda as prendas do Menino Deus; do adulto que sonha com o futuro; do velhinho que recorda a mocidade longínqua, enfim, de todos os que no nosso Querido Portugal se confessam crentes — Os de boavontade!

E no silêncio da noite, ouvem-se acordes quase indefinidos dum «Adeste fideles».

Das chaminés, o cheiro das pinhas insensa a atmosfera que parece trocada por um pedaço de Céu!

As crianças chream como avesinhas inocentes, jogando aos pinhões enquanto que, à roda do Presépio, cantam os irmãos mais velhos:

«Em Belém, à meia-noite,
Em a noite de Natal,
Nasceu Jesus num Presépio,
Maravilha sem igual!»

Noite silenciosa! Noite feliz! Noite de Redenção e de Luz, ímpar em melodia esuavidade!

Nasceu Jesus, nasceu o Deus da Caridade!

Gota d'Orvalho

NOITE SANTA

São forasteiros. Em vão,
Buscam abrigo em pensão,
É já tarde, muito tarde!
Contrangido o coração,
Recolhem com devoção
A Gruta alheia ao alarde.

A neve mansa cafa
«Leve, mansa, mansa e fria»,
sob uma noite sem luz!
Fis senão quando, Maria,
Dá ao mundo a Lus do dia,
O seu Divino Jesus.

Rasga-se o Céu. Luz fulgente
Circunda todo o Oriente
Desde a serra até ao vale.
É desde o monte à colina
Ecoa uma voz Divina
Da Mansão Celestial:

«— Glória a Deus lá nas Alturas.»
Cantai ó vós, criaturas,
Eis que nasce o Redentor!
É que a paz da Claridade,
Ó vós de Boavontade,
Seja vossa pelo amor.

Sálvé ó noite Bendita
De maravilha infinita,
Noite santa sem igual!
Nasceu Deus da Toda Pura.
Alegra-te, ó criatura,
Que é Natal, Natal, Natal!!!

Gota d'Orvalho

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária Caires

Deliberações da Câmara Municipal Correspondência Ofícios

Do Editorial Publicações Turísticas, Lisboa, desejando saber se podem contar de futuro, com esta Câmara como assinante.

Do Engenheiro Chefe da Inspeção de Águas da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa, informando que a resolução dos problemas de e-gotos e abastecimentos de água, à estância termal de Caldelas, está dependente desta Câmara, segundo acordão do Tribunal de Contas.

Do Director dos Serviços de Turismo, Lisboa, pedindo a esta Câmara para dispensar ao problema de abastecimento de água e de drenagem de esgotos na estância de Caldelas o melhor acolhimento.

Do Cantoneiro Municipal Manuel Leite Martins Brandão, apresentando o boletim de abono de família dos seus três filhos.

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, sugerindo que a obra de abastecimento de água a Caldelas, fosse levada a efeito pela Junta de freguesia com a participação do Estado e subsidiada pela Câmara, pela verba que a lei tem de reservar para obras fora da sede do concelho.

Do Tribunal do Julgado de Amares, pedindo que esta Câmara mande proceder às seguintes reparações na sala das audiências: reparar os telhados, consertar o soalho, reparar a grelha do M. Juiz e colocação de lâmpadas.

Da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Porto, informando que aquela Junta presta parecer desfavorável ao pedido que José dos Santos Meneses dirigiu a esta Câmara para instalar um talho de venda de carne suína e seus derivados no largo Dr. Oliveira Salazar, desta Vila.

Circulares

Do Governador Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular N.º 65/60, P.º Z-1/97, L.º 25-A, 2.ª R-partição da Direcção Geral de Administração Política e Civil, pedindo para informar as Câmaras Municipais de que, no entender da Direcção Geral dos Registos e do Notariado, serão suficientes o livro de notas para escrituras diversas, o livro de registo de emolumentos e selo e, bem assim, dado o disposto no n.º 1.º do Art.º 156.º do Código do Notariado em vigor, o livro de abertura de sinais, e que no entender da mesma Direcção Geral torna necessário tirar certidões ou cópias de documentos existentes para arquivar nos maços de documentos da nota privativa.

Idem, idem, N.º 63/60, P.º Z-1/78, L.º 25-A, 2.ª R-partição da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que em virtude da doutrina do parecer da Procuradoria Geral da República, publicada no Diário do Governo n.º 179, II Série de 1 de Agosto de 1958, assim como o despacho de Sua Excelência o Subsecretária de Estado das Finanças, de 13 de Janeiro de 1933, o adicional de 10% a que se refere o n.º 16 do Art.º 1.º do Decreto n.º 14.870, de 4 de Janeiro de 1928, deve recair sobre as multas cobradas nos termos de Dec. Lei n.º 42,850, de 16 de Fevereiro do corrente ano.

Requerimentos de doentes

Foram presentes à Ex.ª Câmara os seguintes requerimentos pedido guias para internamento e tratamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara nos termos do Art.º do Código Administrativo: José da Silva Vieira, de Rendufe, Maria Cícilia Barreiros, de Goães, António Pinheiro Pereira, de Dornelas, Elvira de Jesus Gomes, Santa Marta, Augusto de Jesus Gomes, Santa Marta, Clotilde Martins Vieira, de Caires, Albino Gonçalves, de Fiscal.

Requerimento de velocípedes

Foram presentes à Ex.ª Câmara os seguintes requerimentos pedindo a prestação de provas para obtenção de licença para condução de velocípedes: Manuel Macedo Sepúlveda, de Rendufe, António Gomes da Silva, de Ferreiros, Eduardo da Costa Fernandes, de Ferreiros, Silvério José Soares, de Portela, Francisco de Jesus Ramalho da Mota, de Bouro, Duarte Fernandes Maia, de Goães, Adelino Dias, de Bouro.

(Continua no próximo número)

Casamentos

Há dias, realizou-se nesta Igreja Paroquial de Caires, o faustivo casamento do Senhor Américo Luiz Dias da Silva, com a prendada menina Carminda Maria Brandão Ferreira, do lugar do Freixeiro. Também se realizou na Igreja Matriz de Leça de Palmeira, Matozinhos, o grandioso e auspicioso enlace matrimonial do Marinheiro João Batista Vieira, irmão do nosso Reverendo Abade, com a prendada e gentil menina Maria Fernanda dos Santos Vieira aí muito considerada. A estes novos lares cristãos, desejamos um futuro muito próspero e feliz.

De visita

Deram-nos a honra da sua mui estimada visita, os Senhores Carlos da Silva, José João da Silva Ramôa e o senhor José Augusto de Abreu, bem como a sua esposa e filhinho «que estando muitos anos no Brasil, onde casaram, vieram dar uma pe-

Continua na 4.ª página

BESTEIROS

Casamento

Há dias, realizou-se na Igreja Matriz, o auspicioso enlace do senhor Arménio António da Silva Carvalho, funcionário do Estado em Moscavide-Lisboa, com a gentil menina Alice Pereira da Mota, filha mui estremecida do Senhor Afonso Abrantes da Mota e de sua esposa D.ª Maria do Carmo Machado. Este novo lar, que, já foi para Lisboa é dotado de óptimas qualidades naturais e sobrenaturais, pelo que lhe auguramos um futuro esperançoso e feliz.

De Visita

Ao bom povo de Besteiros deu a honra da sua visita, o simpático casal Senhor João Morais Rocha e sua esposa senhora D.ª Julia Morais Rocha, de Santo Amaro de Oeiras, Lisboa. Foi-lhe feita uma carinhosa e festiva recepção pelo pároco. D.ª Rosa Veloso Ribeiro, e sobretudo pelas criancinhas da Terra que fizeram lindos discursos, poesias, diálogos e canções, que só elas o sabem fazer, belamente ensaiadas pela sua mestra e dedicada catequista. Acompanharam nos o Senhor Dr. Marques, de Lisboa, e os Senhores Cardoso e Pescarias de Famalicão.

Continua na 4.ª página

CARRAZEDO IGREJA PAROQUIAL

As grandes reparações, porque está a passar a igreja desta freguesia com o produto do cortejo de oferendas que rendeu cerca de 30 contos, não evitarão que os bons cristãos e católicos nascidos em Carrazedo aceitem novo apelo para a residência paroquial, que, parece, desde a sua construção há 200 anos, não sofreu qualquer carinho dos moradores e usufrutuários.

Dentro dessa Igreja em túmulo modesto, jazem as cinzas do Pct. Sá de Miranda, muito visitado por intelectuais e alunos de escolas superiores que devem ficar desolados com tão modesta consagração à memória de tamanha capacidade literária e poética: As paredes laterais que resguardam o epitáfio e a tampa tumular está em ruínas devido à infiltração das águas pluviais. Se está considerado monumento Nacional só à Ex.ª Direcção compete tocar nessa reliquia para cuja entidade se chama a atenção se a Comissão Fabricqueira ou o pároco ainda o não fizeram.

Vida Agrícola

Li num jornal aonde um correspondente prudente pedia ao Governo que abatesse às contribuições prediais 50% visto a calamidade que assolou todo o país e atingiu duramente a lavoura. Os prejuízos são visíveis e são do conhecimento superior.

Achamos impossível o pedi-

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 26 — o snr. José Bento Antunes.

Dia 27 — o snr. António Bernardino Barbosa de Macedo.

* * *

Passa no dia 29 do corrente o aniversário da menina Maria da Glória Russell, da vizinha freguesia de Proselo.

A todos as nossas maiores felicitações.

do feito mas não serão dividir as contribuições em 4 prestações sem os pesados juros de mora. Já não era pouco esse benefício e se ele for atendido será sem favor a Bem da Nação. Mas... a lavoura ou os seus trabalhadores pedem protecção permanente que lhes dê uma vida de paz e socego, sem ambições que não sejam o pão nosso de cada dia. A protecção a essa gente ou á sua família deve estar no abono de família para onde fogem todos os trabalhadores rurais que o encontram em todos os trabalhos menos na arte que mantém o povo, o próprio povo que a despresa.

Falecimentos

Faleceu no hospital de S. Marcos, o ilustre fidalgo Dr. Bento de Carvalho Daun e Lorena, pai do Ex.ª Sr. D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena, residente e actual proprietário do castelo de Castro. Figura de grande relevo social, cativante para com os humildes, foi fidalgo em vida e até depois pela inodestia exigida na sepultura aonde se quis comparar aos mais humildes filhos de Cristo. Mais uma vez a família enlutada especialmente ao seu querido filho sinceras condolências.

Caminhos Intransitáveis

Uma comissão de proprietários do lugar de Além, recebeu uma verba destinada à reparação de um caminho público mas a sua construção, debaixo da orientação dessa gente, não garantiu a segurança devida e está destruído e intransitável. Decorrem já meses, o trânsito está interrompido, e por isso pede-se à Ex.ª Câmara ou à G.N.R. que notifique os responsáveis para pôr o caminho em condições de serventia para toda a gente.

Lagar de Azeite

De origem Italiana foi construído um lagar de azeite em Rendufe à margem da Estrada Nacional, no lugar das Neves. O seu proprietário, Sr. António Bernardino de Macedo,

Continua na 4.ª página

FARMÁCIA PINHEIRO MANSO

Deseja a todos os seus estimados
clientes e amigos Boas Festas.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Continuação da 1.ª página

das pelos maiores valores do nosso escol intelectual, e que somaram duas dezenas, nas quais foram focados grandes problemas nacionais nos campos da medicina, higiene, assistência, etc., etc.. Referiu-se ainda ao programa para este ano, já elaborado, e do qual consta trabalhos e iniciativas de muita valia.

Finalmente fez a apresentação calorosa e vibrante do Rev. Frei Gil Alferes, da Ordem dos Pregadores, que tem devotado uma parte da sua vida à educação e protecção dos rapazes e ao aproveitamento da Criança Abandonada e sem lar, integrando-a numa Obra de povoamento e colonização.

Fundou a Sociedade de Congregações Missionárias, que actualmente dirige, com 6 casas de rapazes na Metrópole.

No Ultramar tem um Centro de Povoamento em estudo.

Últimamente fundou, no Porto, a Casa do Estudante Pobre.

O Snr. Doutor Adriano Rodrigues depois de exaltar a magnífica acção social do palestrante, concedeu-lhe a palavra.

O Rev.º Frei Gil Alferes após agradecer à Liga de Profilaxia a honra do convite para proleção na sua Tribuna, começou por definir o termo «humildes», dizendo que tender-se apenas o pobre, o maitrapilho, o menos dotado pelos bens do corpo e do espirito, mas também os Povos sem liberdade ou carecentes dos meios necessários para o seu desenvolvimento e progresso social.

Focando o aspecto dos humildes no Povo Eleito, destacou três figuras extraordinárias cujo apoio foi decisivo na história de Israel: Moisés, homem simples do povo, que vence a tirania dos Faraós do Egipto e se guinda a chefe seguro e liberta todo o povo escravizado conduzindo-o à terra da Promissão; Judith, mulher intrépida que, ao cortar a cabeça de Olofernes, salva o povo de Israel da opressão da Síria; David, o jovem pastor que vence, sozinho, o gigante Goliath e, com ele, os exércitos Filiteus.

Passando ao Novo Testamento, o Rev.º Frei Gil Alferes fala de Cristo, o salvador dos povos que transforma a ética dos humildes. Não é Ele um dominador pela força da espada, pelo poder dos exércitos, pela inspiração política ou pela ambição totalitária. Daí, o escândalo dos Fariseus, dos Douctores e dos Grandes de Israel.

O seu nascimento humilde, a sua vida apagada e simples, não lhe dão credenciais ou foros de mentor político. A Sua pobreza e a sua doutrina apologetica de perfeição humana, cria à volta de si inimigos mortais.

«Vinde a Mim vós todos os que sois e Eu libertar-vos-ei...»

Cristo foi crucificado.

Mais adiante, afirma o illustre conferente: — A revolução dos humildes tomou foros de incêndio universal. Os apóstolos marcam posição, são sacrificados, mas a doutrina continua a sua marcha vitoriosa. Já não há povo escolhido, o Cristianismo abarca todos os homens de boa vontade. O domínio político cede ao domínio espiritual. Diante de Deus não há distinção de pessoas. Escravos e patrões são iguais.

Dois vultos extraordinários surgem, na Idade Média, em defesa dos oprimidos: S. Domingos de Gusmão e S. Francisco de Assis. Depois, aparecem S. Vicente de Paulo com a sua Companhia dos Pobres e Frederico Ozanan, o fundador das Conferências Vicentinas. A Rainha Santa Isabel introduziu no trino os pobres. S. João de Deus dedicou-se aos enfermos. O Padre Cruz aparece nas prisões, consola os humildes, cria à volta de si novas esperanças. Depois é o Padre Américo que abre novos caminhos à caridade, indo de encontro às necessidades sociais, falando com desassombro e sinceridade, com justiça e grandeza de coração.

O illustre conferente termina a sua notável conferência fazendo um apelo para que, diante da grandeza dos exemplos apontados, cada qual procure continuar a revolução dos humildes para um mundo melhor.

No final da apresentação do seu trabalho, o Rev.º Frei Gil Alferes foi muito aplaudido e cumprimentado.

O Snr. Professor Doutor Adriano Rodrigues, em palavras unidas de profunda emoção, fez a crítica de tão valioso trabalho, expraiando-se em considerações de muito apreço pela benemérita cultural acção da Liga de Profilaxia, após o que encerrou a sessão.

Foi igualmente muito aplaudido.

A Televisão e os seus Programas

Continuação da 1.ª página

gastava ao contrariado do seu patrão, dez escudos diários em carneiro, fora o leite, sabonete e perfume para o banho, assistência médica veterinária, etc.: recebia as visitas à dentada, enchia a casa de pulgas. A este riquinho só lhe faltava um patrão, de flor ao peito e ares aparvalhados, trazê-lo à rua, metido no seu casaco, como que desafiando os seres humanos, privados dum pouco de pão que pela rua tiritam de frio.

A muito custo e com grande desgosto da esposa, o advogado desfez-se do inconveniente bicho e substituiu-o pela filha da mulher de limpeza do seu escritório e que recentemente enviara. Causa difícil este advogado defendeu e venceu na sua própria casa. Depois duma oportuna lição

Conto de Natal

Continuação da 6.ª página

coração quase exangue! Beijava com um misto de ternura e compaixão o orfãozinho, aquele pedacito do seu coração, enquanto dizia com amargura: Filhinho, eu não tenho dinheiro, nós somos pobres, meu querido!

Mãezinha, tenho fome, tenho frio, bem sabes, Mãezinha!

E aquele Anjito, exânime, caiu no solo frio onde adormecera talvez!

Antonietta, quase cadáver, fora atravessada duma lividez incrível, por uma onda de suor frio que lhe inundara as faces!

A chuva amainara; o vento deixara de fustigar a pobre choupana, cedendo o lugar agora à neve, tão característica nesta noite Santa.

Em breve, o telhado da choupana onde o lume não havia sido aceso, se tornara alvo como um lençol.

A criancinha dorme; dorme e sonha, sonha com o maior dos Paraísos; vê aproximar-se da sua pobre casita um clarão Celestial. É uma legião de Anjos cercando um menino encantador; com eles vem o seu Querido Paizinho que não morrera, que ele via com os olhos da saudade! Um lindo coro extasia os seus pequeninos ouvidos de lírico encanto. Enche-se de

obsurecido pela dor! Já não paira sobre os seus lábios o antro da fome, a angústia de criança desventurada! Jesus, naquele sonho, traz-lhe toda a felicidade.

Os momentos de ventura porém, são interrompidos àquele Anjinho sonhador, com um grito de aflicção da pobre mãe agonizante! E a meiga avesinha loira, corre ao leito da mãe que, num último e gélido abraço, estreita o corpiço do seu pequenino Amor que não resistindo, sucumbe também, nos braços do cadáver daquela que ao mundo o havia trazido!

E aqueles dois Anjos voaram aos Céus, na noite em que vinha ao mundo... O Menino Deus!

de moral, a sua esposa não só consentiu na vinda da que doravante lhes chamaria papais, como apoiou inteiramente a decisão.

A finalidade das nossas palavras é apenas de tocar no coração (e o têm) dos que se encontram nestas condições. Há tantas crianças que necessitam de pão, de roupa, dum pouco de mimo, e, infelizmente, nada têm, porque no seu seu lugar estão muitos lúlus.

Eatamos até numa quadra tão propícia para emendarmos os nossos erros.

Que se ponham de parte as vaidades estúpidas e que o Menino Jesus como prenda de Natal, lhes traga o conforto de que necessitam; são estes os nossos votos.

Festa em honra de Nossa Senhora de Fátima

em LIMONEST — LIÃO — França.

Correspondendo ao apelo do Sr. Bispo de Leiria, os Portugueses residentes em Lião (França) quiseram honrar de modo especial Nossa Senhora de Fátima.

Dirigidos pelo seu capelão, Rev. mo Sr. P. e José Alves Ardérius, organizaram uma peregrinação à capelinha de Limonest, cópia exacta da Capelinha das Aparições da Cova da Iria, inaugurada no dia 14 de Maio do ano passado.

Cerca de 600 pessoas aí se juntaram, não só Portugueses como também Franceses, vindos de toda a região. Estiveram presentes o Sr. Governador militar de Lião, o Sr. Prior de Limonest, toda a família Genevois, — proprietária

da capelinha, — um missionário recentemente expulso da China, vários Padres Franciscanos e três Seminaristas Salesianos Portugueses.

Depois duma comvente procissão com a estátua da Virgem de Fátima, trazida de Portugal no ano passado, seguiu-se a Santa Missa celebrada pelo Rev. mo Sr. P. e Ardérius e que todos os presentes acompanharam com motetos em português e francês. Cerca 200 pessoas receberam a Sagrada Comunhão.

Com o hino do Adeus terminou esta manifestação de oração e penitência em cumprimento da Mensagem de Nossa Senhora de Fátima, em união com tantas almas fervorosas do mundo inteiro.

Igreja Paroquial

Continuação da 3.ª página

confirmou a sua grande capacidade, sacrificio e vontade de ver progresso sem olhar aos rendimentos que poderão advir com o empenho do vultoso capital aplicado nessa confortável unidade industrial.

Parabéns e muitas felicidades.

C.

BESTEIROS

(Continuação da 3.ª página)

Novena do Menino

Tem-se feito «com bastante solenidade. O canto feito pelas creanças — sólo e côro, e alguma vestidas com trajes regionais e de pastores, dão à novena uma graça muito especial

Como remate, haverá a festa do Natal, com um lindo presépio na Tribuna, missa solene, comunhão geral e alocução.

Consoada

Hoje — dia de Consoada, é distribuído aos pobres o pão de Santo António, e uma óptima consoada de bacalhau e de rebuscados e brinquetes de crianças que mais se tem distinguido na catequese, formação moral e eucarística.

Jubileu de S. Pedro de Rates

Foi muito concorrido de sacerdotes e fieis leigos. Este grande jubileu. A Irmandade, compareceu na sua totalidade e cumpriram-se muito bem os estatutos. Parabéns.

Boas festas

A todos os seus paroquianos e a todos os bons filhos de Besteiros, espalhados por esse Portugal inteiro e até mesmo pelo Estrangeiro, deseja o vosso Pároco as melhores festas do Natal, e um Ano Novo muito próspero e feliz.

bom homem. O seu funeral foi muito concorrido.

Boas Festas

A todos os seus paroquianos e a todos os bons filhos de Caires, espalhados por essas Terras de Cristo, a levar a Vida, deseja o vosso Pároco as mais santas festas do Natal e um Ano Novo muito próspero e feliz.

Caires

(Continuação da 3.ª página)

quena visita e curta estadia de alguns meses a sua estremeçada família do lugar do Outeiro» cujas suas propriedades vão vender. É pena não lograrem por aqui, a necessária saúde.

Desejamos-lhes as maiores, prosperidades e melhor saúde.

Festas: A senhora da Conceição foi aqui muito festejada. A missa solene «cantada pelas nossas 25 cantoras» foi a três vozes, «de Nossa Senhora do Sameiro» do afamado autor Dr. Faria. Em o Natal far-se-há a mesma festa. A consagração das mães foi feita pela mãe Maria de Jesus Ferreira Pinheiro. Decore a novena do Natal e está-se a elaborar um lindo presépio. Este ano, junto ao Altar-Mor.

Reparações

O Arco cruzeiro da nossa Igreja, que ameaça grande ruína de desabamento, vai dentro em breve ser restaurado pelo nosso grande mestre d'obras, Alberto Elias; e o nosso Senhor dos Passos antigo e de grande devoção dos fieis, vai ser encarnado em Braga.

Falecimento

Foi o do Senhor José Maria Antunes (José Bota) — do lugar do Freixeiro: era um

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Decorreu com particular brilhantismo a visita ao nosso Concelho do sr. Ministro do Interior

Continuação da 1.ª página

informações que acabava de colher. Dali o ilustre titular do Ministério do Interior dirigiu-se à Misericórdia verificando o edifício e o terreno junto que tornará possível o desenvolvimento daquela Instituição. Pelo presidente da Comissão de Assistência sr. Padre Albino José Fernandes Alves, foram-lhe apresentadas as Senhoras que tinham confeccionado roupas e calçado para distribuir aos pobres no Natal, donativos que estavam expostos e lhe mereceram a melhor atenção e palavras de louvor. No Largo do Dr. Oliveira Salazar em que se deteve algum tempo com o sr. presidente da Câmara tomou conhecimento dos melhoramentos que se projectam e que melhorarão grandemente aquela Praça.

O Cortejo dirigiu-se então para os Paços do Concelho onde um piquete dos Bombeiros Voluntários fez a guarda de honra e a Banda tocou o Hino Nacional. Por entre alas de crianças e muito povo o sr. Ministro do Interior penetrou na Câmara Municipal, estando cheia a sala de recepções e os corredores e ainda muito povo na rua que ali não cabia.

O sr. Ministro recebeu primeiramente os cumprimentos dos presidentes da Junta e depois das demais pessoas presentes, demorando-se a explicar àquelas as directrizes do seu Ministério e possibilidades de resolver algumas das suas necessidades. Findos os trabalhos dirigiu-se ao monumento que no Largo principal se ergue a D. Gualdim Pais seguindo depois para Santa Maria de Bouro.

Entusiasmado recebeu por um povo ávido de luz eléctrica de que tanto carece, o sr. Ministro do Interior certificou-se dos esforços despendidos pelo Município para que esta aspiração se concretize e quanto a Câmara fez em tão pouco tempo por esta obra. Visitou o Convento admirando a sacristia, obra magnífica, detendo-se também no exame dos cadeirais e altares que lhe mereceram a melhor atenção.

Solicito, alterando sempre o seu programa para atender aos pedidos que recebia, o sr. Ministro do Interior resolveu passar pelo Santuário da Abadia, primeiro Mosteiro Mariano da Península. Ali verificou o Santuário e as muitas

obras de arte que o compõem, os quartéis, as capelas e o panorama singular que o local oferece a quantos o visitam.

A caravana tomou o rumo do Concelho de Terras de Bouro. No limite dos concelhos de Amares e Terras de Bouro o sr. Coronel Arnaldo Schulz apeou-se para se despedir do sr. dr. Eduardo Gonçalves, ilustre e esforçado presidente da Câmara e do sr. vice-presidente sr. dr. António José da Costa. O sr. Ministro exprimiu ao sr. presidente da Câmara o agrado que lhe ausara a visita ao nosso Concelho admirando o esforço que a Câmara está a fazer para bem servir, prometendo-lhe

a sua ajuda e completo apoio.

Também o sr. Governador Civil testemunhou às autoridades o seu apreço por tudo que vira principalmente pelo grande esforço que se está a fazer pelo engrandecimento do concelho, engrandecimento que não escolhe terras mas se pretende fazer em toda a parte.

Quem tenha acompanhado a visita que o sr. Ministro do Interior realizou no Distrito terá concluído em que, efectivamente, o Concelho de Amares primou em bem receber e mostrar, o que particularmente significa muito, que atravessamos uma era de franco progresso.

Conto de Natal

Continuação da 1.ª página

voz muito perto dele. Gabriel teve um sobressalto e levantou-se como impelido por uma mola, mas os pés ficaram-lhe como que pregados ao chão, pois com espanto e terror viu sentado numa pedra tumular próxima uma figurinha estranha que não era deste mundo. Estava-se a rir para Gabriel duma maneira que só os gnomos são capazes.

«Que estás aqui a fazer na véspera de Natal?» perguntou o gnomo ásperamente.

«Vim abrir uma cova, meu Senhor,» respondeu Gabriel gaguejando muito atrapalhado.

«Quem é o homem que vem passar a noite de Natal ao cemitério no meio dos túmulos?» perguntou o gnomo.

«Gabriel Grub! Gabriel Grub!» gritaram em coro centenas de vozes que pareciam encher o cemitério embora não se visse ninguém.

«Tenho muita pena mas os meus amigos estão-te a chamar, Gabriel» disse o gnomo que começou a rir às gargalhadas. O coveiro olhou para os vitrais da igreja e com espanto viu-os brilhantemente iluminados. Então o órgão fez ouvir uma ária alegre e uma multidão de gnomos invadiu o cemitério pulando e brincando em volta dos túmulos. O coveiro sentia a cabeça a andar-à-roda e, de repente, o rei dos gnomos deitou a mão ao colarinho de Gabriel e sumiu-se com ele pela terra dentro.

Chegaram a uma grande caverna onde ficaram rodeados por uma multidão de gnomos.

«E agora, disse o rei, mostrem a este homem de má

vontade e de mau génio alguns quadros dos nossos armazéns.» Mal acabava de dizer estas palavras, uma nuvem grossa dissipou-se mostrando uma saleta pequena e pobre mas limpa. Muitas crianças pequenas estavam a dar as boas-vindas ao pai que chegava cansado do trabalho saltando-lhe para os joelhos e puxando-o para ao pé da mãe que estava perto da lareira. Então a cena mudou e viu-se um pequeno quarto de cama onde uma criancinha loira e linda estava a morrer. Os irmãos e as irmãs agarravam-lhe na mãozita tão fria e pesada, e olhavam com respeito para a carita dele porque sabiam que ele estava morto mas que era mais um Anjo que olhava para eles das alturas felizes do Céu.

Outra nuvem passou sobre o quadro. O pai e a mãe muito velhinhos olhavam contentes para a família a que eles presidiam e que os rodeava.

«Que pensas disto tudo, homem miserável?» disse o rei dos gnomos levantando uma das suas pernitias e dando um bom pontapé ao coveiro.

Muitas vezes a nuvem voltou e desapareceu e muitas lições veio ensinar a Gabriel Grub. Ele viu que os homens que ganham o seu pobre pão trabalhando toda a vida são felizes; que as mulheres trazem nos seus corações uma fonte inesgotável de amor infinitamente superior ao desgosto; os homens que como ele fazem pouco da alegria dos outros são as piores sementes que há à bela superfície da terra. Assim que ele chegou a esta conclusão, caiu a dormir.

Quando acordou tinha

RECORTES

De ODECAM

Oração do Menino Pobrezinho

Isabel Vieira de Serpa e Paiva

Meu paizinho do Céu; estou sòzinho
Chamando por você!
Sou aquele menino pobrezinho,
Daquela casa velha do caminho
Que daqui você vê!

Repare bem. E. quase destelhada
Nela volteia o pó,
E o vento canta e a chuva faz pousada.
Venha ver minha casa abandonada,
Um bocadinho só!

Nela você verá minha mãezinha
Que nem sabe sorrir!
Que é tão pobre, tão boa, que é tão minha...
Que leva a noite inteira, coitadinha,
A tossir... a tossir.

Meu paizinho do céu: o meu presente,
O do Natal... enfim,
O que você vai dar-me, certamente,
Pois portei-me o ano inteiro, como gente,
Não o quero prá mim!

Não quero que me traga! Eu nem protesto
Se nunca o ganhei.
Talvez eu fosse mau ou desonesto,
Talvez... nem sei! Talvez porque não presto,
Mas agora mudei!

O meu presente, traga-o prá mãezinha!
Quero vê-la sorrir.
Dê-lhe um vestido... quero-a bonitinha!
E venha consertar minha casinha
Não deixe mais minha mamãe tossir!

A Oração de um Menino Feliz

GIOIA JUNIOR

Papai do Céu,
nós estamos contentes
em redor desta mesa...
é verdade que não recebemos presentes,
mas, isso não importa.
Nós Te agradecemos pelo alimento
(embora não haja nada
(além do que nos dá todos os dias)
papai não recebeu o aumento
com que haveria de comprar as frutas
e doces de Natal que prometeu,
mas, não faz mal,
somos todos felizes
e por isso Te agradecemos,
o papai, a mamãe, os maninhos, e eu...
Eu só quero Te fazer um pedido;
Papai do Céu,
o Senhor está vendo
o papai, a mamãe e mais dois maninhos
em redor desta mesa?
Eu quero Te pedir que eles não morram nunca,
e, nos anos que vêm,
estejamos de novo reunidos
sem que falte um sequer. Muito obrigado. Amém!

rompido o dia e ele estava junto da pedra tumular no cemitério. A princípio duvidou da realidade da sua aventura, mas as dores que sentia nos ombros recordavam-lhe os pontapés que tinha apanhado do gnomo.

A partir desse dia, Gabriel transformou-se num outro homem. Odiava a ideia de voltar ao local do seu arrepen-

dimento onde tinha sido tão humilhado e ficava sem saber para onde havia de ir passear durante a noite.

Esta história tem pelo menos uma moral e que é ensinar que se um homem vive uma vida de tristeza e se embebeda solitariamente pelo Natal, pode muito bem convencer-se de que não ganha nada com isso.

Visado pela C. de Censura

Tribuna Desportiva

Campeonato Regional da

2.ª Divisão de Braga

VIZELA - 3 F. C. AMARES - 0

No passado domingo, o F. C. Amares deslocou-se a Vizela, para disputar o encontro a contar para a 3.ª jornada com o grupo local.

Perante regular assistência e sob a arbitragem de Fernando Manso, os grupos alinharam:

VIZELA: Valença, Mendes e Vasconcelos; Jacinto, Jesus e Martinho; Dias, Dimas, Angelo, Mendes Ribeiro e Semário.

AMARES: Tomé; Elói e Zé Manuel; Portela, João e Martins; Barrosa, Orlando, Dias, Araújo e Chico.

Principiado o encontro e volvidos cerca de dois minutos, o Vizela abriu o activo por intermédio de Dimas a aproveitar uma hesitação do médio Martins.

Pensaríamos que este golo, logo nos minutos em que a partida ainda não tinha aquecido, viesse afectar os intentos dos rapazes de Amares, mas, tal não se verificou através do encontro. O jogo até aos primeiros 45 minutos, foi jogado taca a taca e um golo fortuito como já aludimos, veio premiar a equipa até aí mais intencionada.

Reatado o prélio, o Amares apresentou no posto de médio direito o jogador Almeida que entrara a substituir Portela, havia 40 minutos da 1.ª parte.

Por algum tempo o marcador não voltara a funcionar mas, a extrema direita do Vizela por parte de Dias, já ti-

nha ameaçado perigo, pelas suas constantes infiltrações pelo flanco esquerdo da defensiva de Amares.

Aos 19 minutos da 2.ª parte, o extremo direito do Vizela, depois de vencer a posição de Martins, disparou imparavelmente à baliza de Tomé sem possibilidade de defesa.

Ainda mal tinham acabado os aplausos dos entusiastas do Vizela com este golo, quando o mesmo jogador após uma fugida vertiginosa pelo seu corredor, centrou e originando certa confusão junto à baliza que foi desfeita para perto, e, o mesmo jogador verdadeiramente endiabrado, aplicou um potente remate, anichando-a no fundo das redes de Amares. Estava feito o terceiro golo e com ele, o resultado.

No entanto, este resultado é bastante ilusório, isto é, não corresponde fielmente ao desenrolar da pugna.

Mesmo privados do concurso do interior António (doente), de Armindo (a cumprir suspensão) e de Barrosa que ficou lesionado ainda na primeira parte deste encontro, o Amares mostrou-se sempre com punjança para discutir o resultado do jogo.

O infortúnio também os acompanhou, quando se viu o poste travar a marcha vitoriosa da bola chutada por Barrosa, após uma grande insistência no caminho das redes. Por duas vezes o avançado centro do Amares, Dias, foi derrubado

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

na área de rigor quando se preparava para alvejar a baliza. E, ainda na primeira parte, um remate de Araújo bem medido deu origem à melhor defesa do jogo ao guarda-Valença.

No Vizela salientaram-se: Dias, Semário, Valença e Dimas.

No Amares todos procuraram cumprir e conseguiram-no, embora com agrado assinalamos uma boa segunda parte de João, e atingiram uma melhor bitola, Elói, Araújo, Chico e Almeida.

A arbitragem não teve dificuldade em dirigir um jogo correcto pecando por deixar endurecer um pouco o jogo. Um derrube, pelo menos, a Dias merecia o devido castigo, pois, foi já na área de rigor.

* * *

Na próxima jornada que se efectua no dia 1 de Janeiro, o Amares desloca-se a Prado.

Esperamos mais uma vez que se junte aos entusiastas que aí se deslocam, para applaudir o nosso clube. Para tal, os directores Armando Joaquim e José Cassiano Gonçalves Macedo, encarregam-se de aceitar os pedidos de inscrição para a camioneta.

Abel Antunes

Conto de Natal

de: Gota d'Orvalho

Cai a noite. Nos pinheiros, vizinhos o vento, em bramidos assustadores, faz ranger as tábuas da velha choupana, perdida no sopé do monte. É inverno. A chuva desliza, fustigando as táboas de «camisa e saia» que compõem a pobre construção, e vêem-se no vasto negrume do Céu, de quando em vez, alguns relâmpagos que iluminam o Espaço. Os raios, rasgando o negrume, descrevem na Abóbada riscos em horripilante zig-zag, fazendo levantar os cabelos em arrepios.

É noite de Natal! — Num leito paupérrimo, define-se a pobre Antonieta, a quem uma tísica vem roendo há meses.

O marido, o «Zé Luis», havia perdido a vida no mar, quando lutava pela vida da pobre Antonieta que, em casa, aconchegava o amor, do seu coração, um lindo menino que o senhor lhes havia concedido. Sôzinha, entregue às suas recordações à saudade devoradora e à luta pela conservação de duas vidas que se batiam com a fome, ficara a pobre mulher que apenas se revia nos cinco anitos daquele Anjo Loiro fruto das suas entranhas, e a quem a orfandade prostrara tão cedo na miséria!

Contemplar aqueles grandes olhotos que constituíam a única herança que o mar consentira que o pobre Zé Luiz deixasse à esposa, era para esta, o mesmo que lutar—lutar até cair para que o seu bem amado nunca sentisse a miséria que através das fendas do taboado os espreitava!

Porém a vida, adversa ao sentimento dos desventurados, compraz-se em coroar de miséria a já por si tão miserável existência daqueles dois anjos esquecidos do mundo, e... ia a dizer esquecidos de Deus!

A pobre mulher, de débil construção física que bem se assemelhava à da sua pobre casita, acabara por cair vencida pela doença, nesse miserável catre que ditava à azougada criança, esse anjinho querido do seu Amor, que brevemente estava sôzinha, sem família mais chegada, sem ninguém.

«Sôzinha no mundo!», era a frase que a pobre mãe, dizia àquele loirito, beijando-lhe os lábios, talvez desejosa de que o contágio levasse consigo aquele inocente que não compreendia ainda o sentido dessa frase terrível!

—Mãezinha, é hoje noite de Natal; porque não vamos fazer as rabanadas como ontem? Anda, Mãezinha, vai comprar-me também uns sapatinhos para pôr na lareira, anda, que o Menino Jesus vai pôr-me neles coisas lindas; upa, Mãezinha! anda, anda depressa!

As lágrimas da Mãe, aos rogos inocentes do pobrezinho, rompiam em borboletões, assolando-lhe o rosto definhado e gélido! Perpassavam-lhe pela mente os projectos de sonho do dia do seu noivado, que mais lhe dilaceravam a alma, em confronto com o que a vida lhe apresentara! estalava-lhe no peito o pobre

(Continua na 4.ª página)

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

cidade de Mauricea, ou Bairro de Santo António, que se unia por uma ponte, chamada do Recife, a esta vila, uma légua distante da cidade de Olinda.

Governou três anos, 7 meses e 21 dias. Embarcou para o reino e arribou às rias da Galiza, com dilatada e arriscadíssima viagem, e gravemente enfermo, em 25 de Novembro de 1715.

Achava-se aquela capitania em guerra civil, que faziam as duas parcialidades dos moradores de Olinda e do Recife, com muitas mortes e lastimosa ruína, sendo os do Recife sitiados pelos de Olinda por espaço de mais de três meses e meio, em que pretendiam ganhar-lhes a fortaleza.

Chegado àquela barra, achou as notícias referidas do estado da terra; que a praça de Itamarandé também estava sitiada e que os dois partidos se haviam dado duas batalhas.

Tratou a paz com os Cabos de guerra, suave e prudentemente; e os sitiadores levantaram o campo. Contudo, ficou nele, com o seu partido, o capitão-mór de Santo Amaro, João de Barros Rego, que quis pôr-se em campanha, mas, sabedor desta notícia retirou-se também.

No dia seguinte, o governador Félix José Machado, terceiro marquês de Montebelo, partiu para a cidade de Olinda. Deixou declarado o modo por que havia de passar as ordens, no caso que o prendessem, pois acompanhavam-no somente os seus familiares, com perigo manifesto, por ser Olinda o domicílio dos rebeldes e praça aberta. Deteve-se aqui três dias, usando com eles todos os meios suaves para persuadi-los à paz, sem lhes mostrar temor.

Esta crónica da guerra civil de Pernambuco ou seja, da história

do Brasil, é uma oportuna demonstração de como os Portugueses colonizavam há 250 anos, pacificando os povos insurrectos de Alémar; dos meios e sistemas que empregavam para evitar os morticínios e guerras entre os naturais, como se as vidas deles não doessem menos à Pátria que as dos filhos mais chegados.

E continua:

«Quiseram dificultar-lhe a posse do governo da Capitania o bispo e os oficiais da Câmara de Olinda, mas removeu prudentemente essas dificuldades e tomou neste tempo mais cabal conhecimento do estado daquela terra.

Voltou para o Recife, onde lhe deram muitos avisos de que intentavam matá-lo, como a seu pai no tempo que governara esta mesma capitania.

Não fez diligência para proceder contra os conjurados, arriscando com a dilação a sua pessoa, para não renovar as alterações passadas, quando só tratava de extingui-las.

Reservou o procedimento para quando tivesse mais inteira certeza do ânimos, e das forças com que se achava.

Fez, entretanto, grave despesa da sua fazenda para conciliar o amor e respeito dos súbditos, dando-lhes banquetes, conservando uma das mais luzidas casas, que teve outro nenhum governador no Brasil.

Não se lhe respondeu a sete avisos que fez a Portugal, quando se viu na necessidade de proceder a prisões contra nove dos cabeças dos revoltosos, para segurar-se do intento em que persistiam, de prendê-lo ou matá-lo.

Em sua mesma casa se lhe fez um requerimento com ameaças e demasiada ousadia mas despediu a parte sem alteração de ânimo, dizendo-lhe que faria justiça.

E tendo aviso de que na freguesia de Santo Antão se maquinava novo levantamento, para que se lhes entregasse os presos, mandou chamar os cabos de guerra, e os ministros, e, sendo já 10 para 11 horas da noite, dando-lhes as ordens que pareceram convenientes.

(CONTINUA)